

Internacional ou extranacional?

Freqüentemente escuta-se comentários dizendo que um congresso X ou Y teve nível "internacional". Ou, então, referindo-se a uma determinada pessoa comenta-se: "Fulano é um pesquisador de alto nível, é um pesquisador de nível internacional!" O nosso propósito aqui é examinar de uma forma mais precisa o significado, nestas circunstâncias, da palavra *internacional*.

No nosso sistema, uma das maneiras mais comuns de manipulação das pessoas, e que tem freqüentemente sido utilizada pela propaganda e pelos meios de comunicação, consiste na utilização de palavras ou expressões que despertam sensações boas, pensamentos agradáveis, num contexto inteiramente diverso daquele para o qual estas palavras ou expressões foram criadas. Geram-se assim contradições, incoerências e até mesmo inconsistência lógica. Neste sentido, por exemplo, para o nosso pobre homem imprensado entre o escritório e o apartamento, a fábrica e o barraco, nada parece ser mais desejável do que a aventura e a liberdade. Daí procurar-se associar a determinado produto o sabor de aventura ou de liberdade, como se estas pudessem ser reconhecidas por nossas papilas gustativas.

Além do efeito de manipulação, este fato leva a uma tal alteração do sentido das palavras, que talvez não esteja tão longe o dia em que, para uma professora explicar aos seus alunos o significado da palavra liberdade, tenha que realmente apelar ao paladar.

Quando esta deturpação do sentido das palavras é muito grande, o que se costuma fazer é voltar às origens, é apelar para a etimologia. Procuremos proceder desta maneira em relação à palavra *internacional*. *Inter* em latim quer dizer *entre* e *natio* significa *povo* ou *nação*. Aparentemente uma atividade internacional designa aquela que é realizada entre, isto é, conta com a participação de diversas nações. O Aurélio também exemplifica, citando um ladrão internacional como aquele que atua em diversos países ou um escritor internacional como sendo aquele cujo nome se estende a diversas nações.

Vejamos agora o que seria uma pesquisa ou um pesquisador de nível internacional. Aparentemente uma pesquisa internacional seria aquela que fosse conhecida e portanto fosse de interesse de diversas nações. Examinemos esta questão com um pouco mais de detalhe.

Quão bom seria se houvessem problemas igualmente importantes para as diversas nações e de cuja solução participassem cientistas de todo o mundo, numa colaboração estreita e integrada, trocando e complementando informações e resultados! Isto sim seria pesquisa internacional e neste contexto sim poderíamos falar de pesquisadores ou de congressos internacionais.

A pesquisa no entanto é, ou melhor, deveria ser, um reflexo das necessidades do país. São estas necessidades que geram os problemas, cuja solução a curto ou longo prazo deveria ser o objetivo último da pesquisa científica. Por outro lado, as necessidades de um país refletem o grau de desenvolvimento, o estado mais ou menos adiantado deste. A conclusão lógica é, portanto, que, enquanto houverem países ricos e pobres, países com diferenças gritantes no que concerne ao estágio de desenvolvimento, gritantemente diferentes serão as necessidades, assim como gritantemente diferentes serão, ou melhor, deveriam ser, as diferenças nos objetivos da pesquisa científica destes países.

Neste sentido, é falacioso falarmos de pesquisa ou de pesquisadores internacionais, ao menos enquanto neste "internacional" estiverem incluídos países heterogêneos quanto ao seu grau de desenvolvimento. Na prática, o que acontece é que neste ambiente pretensamente internacional as nações mais desenvolvidas, devido ao seu poder econômico, acabam impondo os seus interesses, de maneira que o nacional, ao menos aquele relativo aos países menos desenvolvidos, sucumbe. Assim, neste contexto, seria muito mais correto falarmos de pesquisa ou pesquisadores "extranacionais" (extra em latim é fora), muito embora esta palavra soe mais áspera, menos agradável.

Como exemplo somente das diversidades de interesses da pesquisa, examinemos a área de saúde, onde, à primeira vista, parece existir uma série de interesses comuns. Vejamos, por exemplo, a pesquisa do câncer. Obviamente o câncer, por atacar seres humanos em todas as latitudes e longitudes, é um mal que aflige tanto países ricos como pobres, tanto o Brasil como os EUA. Acontece que, face à existência aqui de outros males extremamente disseminados como verminose, subnutrição ou outras doenças endêmicas (esquistossomose, doença de chagas etc.), males estes característicos de um estágio atrasado de desenvolvimento, a importância relativa do câncer decresce, decrescendo também, da mesma forma relativa, a importância da pesquisa neste setor (cabe não esquecer que pesquisa consome recursos e recursos são sempre quantidades limitadas). Assim, embora não se possa negar a validade de um congresso "internacional" de câncer, realizado no Brasil e financiado por brasileiros, ele certamente é, ou ao menos deveria ser, menos prioritário do que um congresso sobre subnutrição, muito embora este último talvez não viesse a ser tão "internacional".

Com as idéias acima não estamos evidentemente criticando todo o tipo de intercâmbio científico realizado entre países distintos. Pode ser extremamente benéfico para todas as nações

envolvidas e, desta forma, realmente internacional, o intercâmbio científico entre nações que tenham uma certa homogeneidade quanto ao seu nível de desenvolvimento. Neste sentido, no caso do Brasil, por exemplo, um congresso latino-americano teria muito mais condições de ser verdadeiramente internacional.

Criticando estamos tão-somente o pretensão "intercâmbio" realizado em bases desiguais, que não é nem *inter* nem tampouco *câmbio* (troca ou permuta). E lamentavelmente desigual tende a ser o "intercâmbio" quando realizado por países muito heterogêneos quanto ao seu nível de desenvolvimento. Dizemos propositalmente *tende a ser* ao invés de dizer que *é*, pois, ao menos teoricamente, é possível compensar a pressão exercida por cientistas de países desenvolvidos com uma contra-pressão que estabeleça o equilíbrio e preserve os interesses dos países em desenvolvimento. Lamentavelmente, no entanto, ao menos no caso do Brasil, isto não tem acontecido, no sentido em que temos sido omissos no estabelecimento de metas prioritárias para a pesquisa, e submissos na defesa dos nossos interesses.

Cláudio Thomás Bornstein
Programa de Engenharia de Sistema
e Computação
COPPE/UFRJ

Os livros devem acompanhar a ciência, e não a ciência aos livros.

F. Bacon, In L. Paulin. Nature, 161: 707. 1948.